



**INFORMATIVO**

**O TUIUTI**



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE  
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)  
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -  
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

**280 anos da chegada do Brigadeiro José da Silva Pais a Rio Grande**

**100 anos da entrada do Brasil na I GM**

**ANO 2017**

**Novembro**

**Nº 249**

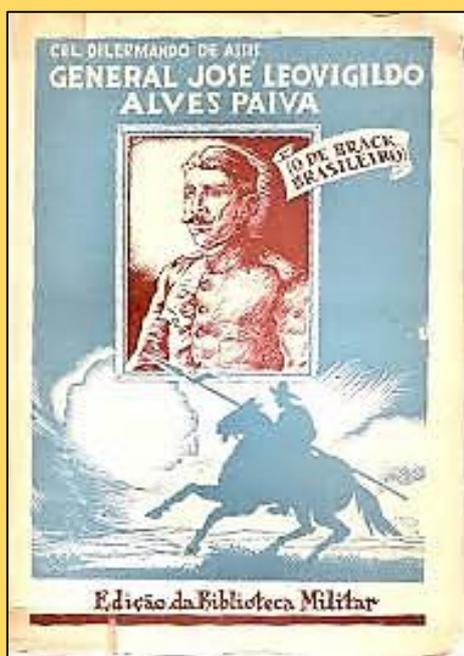
## **GENERAL JOSÉ LEOVIGILDO DIAS PAIVA O “DE BRACK BRASILEIRO”**

Luiz Ernani Caminha Giorgis

CONFORME O GENERAL DE DIVISÃO ALFREDO MALAN D'ANGROGNE

No dia 16 de novembro passado completaram-se 88 anos do falecimento do General JOSÉ LEOVIGILDO DIAS PAIVA, destacado oficial-general do EB que deixou marcada sua atuação e desempenho profissional em diversas oportunidades, posto que viveu entre 1866 e 1929, tendo participado

GENERAL JOSÉ LEOVEGILDO ALVES PAIVA, NO CONTESTADO - Cel Claudio Moreira Bento



Leovigildo Paiva comandou, como major e tenente-coronel no Contestado, durante oito meses, um Destacamento de Cavalaria de 10 oficiais, 298 graduados e soldados dos 4º, 5º e 6º Regimentos de Cavalaria (Itaqui, São Luis Gonzaga e São Borja, respectivamente).

Ele é estudado no tocante à sua vida e obra no livro do Cel Dilermando de Assis que com ele serviu: ASSIS, Dilermando de, General. José Leovigildo Alves Paiva – **o De Brack Brasileiro**. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1948.

Obra com prefácio do amigo e admirador do General Leovigildo, em 1931, o General Alfredo Malan D'Angrone, e complementado em 1948 pelo então Coronel Carlos Flores de Paiva Chaves, genro do General Malan D'Angrone. Foram ambos chefes que abordamos: o General Malan D'Angrone na **História da 3ª RM**, v. 2, p. 183/186. Ele foi biografado por seu filho o Gen Ex Alfredo Souto Malan, patrono de cadeira na FAHIMTB em seu livro **Uma escolha um destino**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1977. O segundo, o Gen Paiva Chaves, na obra **História da 1ª Brigada de**

**Cavalaria Mecanizada - Brigada José Luiz Mena Barreto**, às p. 116/112, como comandante daquela Grande Unidade e patrono da Delegacia da FAHIMTB em Santiago do Boqueirão.

O General Malan D'Angrone assim descreveu o General Leovigildo:

*“Há soldados assim. Perpassaram pela vida militar numa trajetória retilínea, mas inflexível, no mesmo andar compassado e rígido com que a iniciaram e nunca se lhes apercebeu uma hesitação, um proceder dúbio ou incerto. A carreira do soldado antigo era singular pela simplicidade quase pobreza, o caráter que se diria haverem feito votos de fragilidade e de obediência, era indelével e firme... para estes abnegados silenciosos, servir era ato de obediência ou de comando e no serviço da Pátria, o sacrifício era um gozo. Leovigildo Paiva foi um desses soldados antigos, arredios e altivamente resignados, almas rijas, lascadas no duro sílex fronteiro. Soldado dessa dura época, em que desde o madrugalar acinzentado até a hora melancólica do Trindade, mantinha contato com a caserna. Dar o exemplo foi sempre a silenciosa e severa resposta de Leovigildo Paiva. No Contestado comandou um Destacamento dos 4º, 5º e 6º Regimentos de Cavalaria de 10 oficiais e 298 homens. A ação de comando contrasta com a sua tropa, revelando uma atitude incomparável. É digna de atenção segundo o General Setembrino, a brilhante iniciativa do major Paiva. Sem ambulância, sem barracas, quase sem munição, montados os seus homens em péssimos cavalos, por trilhas, quase impraticáveis de um sertão asperíssimo, compreende-se o quanto se exigia de coragem pertinência e valor...O major Paiva explora, reconhece, estabelece comunicações, recompõe linhas telegráficas e inspira confiança nos moradores que iniciam o regresso aos lares.”*

E cumpriu e fez cumprir esta proclamação aos revoltosos:

*“A força a meu comando não maneja o facão do assassino. Respeita e quer que se respeite a propriedade, mesmo abandonada, e nenhuma pressão consente que se exerça sobre o cidadão, qualquer que seja as suas crenças, sua política, sua fé, seu passado...”*

Ao retornar ao seu quartel em São Luiz das Missões, assim recordou a jornada do Contestado o, então, Ten Cel Leovigildo aos seus comandados:

*“Atroses foram nossos padecimentos. Quando a nossa situação se agravava com a fome e vos proclamava eu fui por vós compreendido que no serviço da nação o sacrifício é um gozo. Mas nunca podereis dizer que não vos comandeí pelo exemplo. Os perigos que enfrentastes e as missões que sofrestes, foram os riscos que também corri, as penúrias que suporrei. Na boa ou na má fortuna sempre ao vosso lado estive e vós ao meu lado...”*

Cinco anos depois do Contestado ficou viúvo, pediu reforma, construiu em frente da sepultura da esposa uma casinha de madeira, onde findou seus dias e foi sepultado junto a ela.

Segundo seu biógrafo, o Coronel Dilermando de Assis:

*“Leovigildo era alto, magro, escuro, traços fisionômicos enérgicos, rigoroso aprumo militar, perfeita integridade física, embora claudicasse, depois que ferimento em combate lhe tirou a sensibilidade de um joelho, sua figura era impressionante, cultuava a Justiça e a distribuía a seus comandados por vezes rigorosa e extrema, mas bem pensada e certa. Era sereno e imparcial distribuidor de justiça, condenava o jogo e a embriaguez e o peculato que nivela o soldado ao gatuno. A Cavalaria do seu Regimento merecia-lhe cuidados e carinho especiais, cavalariano de raça que era e lídimo Gaúcho”.*

Segundo o Cel Carlos Flores de Paiva Chaves:

“O General Paiva foi um soldado de alta estirpe dos grandes generais da Cavalaria rio-grandense”. A sua adjetivação de o **“De Brack Brasileiro”** no título do trabalho do Cel Dilermando de Assis, teve origem em título de artigo do General Malan D’Angrone na **Revista Militar Brasileira** nº 3, Set 1930. De Brack era o general de Napoleão Antoine Fortuné de Brack (1789-1850), especialista em Cavalaria, autor da obra **Postos Avançados de Cavalaria Ligeira** e comandante, em 1840, da Escola de Cavalaria de Saumur. Creio que dele tenha tomado conhecimento o então Major Malan D’Angrone, quando Adido Militar na França e ligado à contratação da Missão Militar Francesa, cuja história foi resgatada por seu filho, patrono de cadeira na FAHIMTB, o Gen Ex Alfredo Souto Malan, como Chefe do Estado-Maior do Exército, para o que muito cooperamos como membro da Comissão de História do Exército do EME.

E, segundo Dilermando de Assis, Leovigildo nasceu no interior de Bagé, em 20 Ago 1866, no 2º ano da Guerra do Paraguai. Foi Praça voluntário aos 15 anos no 5º Regimento de Cavalaria. E por seu valor, foi galgando sua modelar e inspiradora História. Cabo de Esquadra em 1º Dez 1881, Furriel (3º Sgt) em janeiro de 1882, 2º Sgt em 2 Ago 1882, 1º Sgt graduado em agosto de 1883. Em 6 Abr 1884 foi matriculado na Escola Militar. Pediu trancamento de matrícula por discordar de seus colegas em uma demonstração de apreço (por interesse) ao Conde D’Eu e Princesa Isabel, com vistas a deles obterem benesses. Terminou trancando matrícula e retornou ao seu 5º RC em maio de 1886. E em setembro foi promovido ao posto de Sargento-Ajudante do 5º RC. Sua conduta exemplar levou seu comandante e colegas a pleitearem sua promoção ao oficialato, o que teve lugar em 27 Abr 1889.

Foi promovido a capitão, tendo antes casado com Maria Tereza Gonçalves, de cujo consórcio nasceram 3 filhas e 1 filho. Seu elogio destacou invejáveis qualidades de cidadão e soldado, sua alta capacidade, energia e circunspeção.

Na Guerra Civil (1893-1991), denominada Revolução de 93, resultado da revolta conjunta da Armada e da Federalista, combateu esta em Bagé, integrando a guarnição ao comando do Cel Carlos Telles e atuando junto à Igreja de São Sebastião, numa resistência épica de 46 dias.

Episódio que abordamos na **História da 3ª RM**, 1889-1953.v.2, p. 97/117. Dali, seguiu para Rio Grande para fazer frente ao ataque e conquista parcial daquela cidade pelo Almirante Custódio de Mello, episódio que abordamos na obra citada às páginas 118/126, e no qual o 1º Ten Paiva foi ferido a bala de fuzil no Passo do Valente, Bagé. E seu prestígio aumenta e vai servir de Secretário e Assistente de seu ídolo, o pelotense General José Marinho da Silva, intrépido chefe de Cavalaria.

Em 14 Jan 1903 foi promovido a Capitão (aos 36 anos) e, em 23 Ago 1911 foi promovido a major por merecimento. Em 1915, em plena Campanha do Contestado, foi promovido a tenente-coronel por seu enorme valor em plena Campanha do Contestado.

Sua atuação no Contestado é abordada em detalhes pelo Cel Dilermando às p. 64/89. Foi reformado como general em 12 Jul 1920, quando no comando da 1ª Brigada de Cavalaria em São Borja.

X-X-X-X-X-X-X-X-X

Conforme texto enviado pelo Membro-Efetivo Dr. Agamenon Vladimir Silva, Lanceiro Honorário do 3º RCGd, complementamos a biografia do General Leovigildo Paiva com as seguintes informações.

**General José Leovigildo Alves Paiva (o De Brack Brasileiro).**

Breves excertos a propósito dos 88 anos do seu falecimento em 16/11/1929.

Desde sua origem a cavalaria brasileira, originária do Regimento de Dragões Auxiliares, em Pernambuco, ao término da guerra contra os holandeses, e depois no Rio de Janeiro, o Regimento de Dragões, foi evoluindo e hoje temos três Regimentos de Cavalaria de Guarda (em P. Alegre, Rio de Janeiro e Brasília).

Um dos continuadores da nobre arma, pontificada por Andrade Neves, Manoel Luis Osorio, que é o seu patrono, também merece ser lembrado como instrutor e administrador o General José Leovigildo Alves Paiva.

Nascido no interior de Bagé (RS) em 20 de agosto de 1866 e falecido em S. Luiz Gonzaga, em 16 de novembro de 1929, aos 63 anos de idade. Descrito por seu amigo fraterno, General Dilermando de Assis, quando ambos, ainda capitães em 1910, em Bagé (RS), "como um oficial alto, de boa presença, sério e de escassa conversa".



Era claudicante da perna esquerda, decorrente de um ferimento na rótula, durante uma carga de lança, no combate do Passo do Arroio do Valente (Rio Negro, Bagé, RS), em 27 de novembro de 1893.

Acrescenta, ainda, Assis, que ele era correto no fardar, usando brilhantes botas de cano envernizado, que revelavam a faceirice do cavalariano entusiasta. Também revela que Paiva era retraído e de difícil acesso. Lembra, ainda, sua competência e coragem na Campanha do Contestado, onde forjou sua reputação de condutor de homens, disciplinador severo, mas justo e respeitado e cegamente obedecido.

"Nunca abandonarei meus soldados", proclamou nos sertões, sofrendo as maiores dificuldades, entre as quais, a fome, onde a tropa chegou a dividir a ração de milho dos cavalos para poder sustentar-se.

"Soldado da Nação, não sirvo a interesses inconfessáveis ou partidários, nem a individualidades. As armas que me foram confiadas são instrumentos de ordem, não são veículos de ódios e maldades, que as leis não permitem e eu não consinto que se exercitem, onde quer que faça sentir minha fraca ação".

Apesar de todos os sofrimentos das missões executadas no sertão, o Tenente-Coronel Paiva, em março de 1915 manteve sempre a moral elevada e a disciplina, porque a vida militar sem padecimentos não se combinava com a farda. Dizia: "No serviço da Nação, o sacrifício é um gozo".

Era amado e respeitado pelos seus camaradas a quem comandava pelo exemplo - "Na boa ou na má fortuna, sempre ao vosso lado estive e vós ao meu!"

Porém, as vezes era tomado por momentos de melancolia e de profunda tristeza, pois no silêncio do sertão sofreu o martírio da saudade, quando em altas horas da noite, comovido lembrava as dores da alma ferida, pela prematura partida da esposa, Dona Maria Teresa Gonçalves, que lhe dera três filhas e um filho, e com o espírito assim angustiado e silencioso, transportava-se em pensamento para junto da sepultura distante, ninho dos seus afetos, relicário da sua devoção, templo do seu amor, jazigo da querida esposa.

A cada dia de sua vida militar revelava mais o seu espírito de cavalariano, que alguns o adotam pela escolha da arma. Todavia, no General José Leovigildo Alves Paiva era inato. Deu provas de suas excepcionais qualidades de soldado, bravo, estoico e incansável, durante o cerco de Bagé, RS em 28 de fevereiro de 1893.

Por sua postura, civismo e de um autêntico cavaleiro, manifestou-se o Chefe do Estado-Maior do Exército, General de Exército Malan D'Angrogne, cognominando-o de "o DE BRACK BRASILEIRO".

Aqueles que conhecem a História da Cavalaria Francesa, sabem quem foi o General Antoine Fortune de Brack, nascido em Paris em 8 de abril de 1789 e falecido em Evreux, em 21 de janeiro de 1850. Combatente de Wagram e Waterloo, integrante como Officier dês Lanciers de Ia Garde (Les lanciers rouges), foi um dos mais célebres generais e teóricos franceses de Napoleão Bonaparte.

Ajudante de Campo do Imperador Dom Pedro I, como Marechal de Campo, comandou a "École de Cavalerie de Saumur" até 1840. Redigiu e estabeleceu em 40 capítulos os conceitos sobre o emprego da Cavalaria Ligeira, que são rigorosamente seguidos até hoje. Sua obra - Étude dês Avant-postes de cavalerie légère (publicada pela primeira vez em 1831) constitui o vade-mécum destinado

aos oficiais da cavalaria ligeira, em particular, onde ensina não só a tática, mas, valores morais, a obediência, a autoridade, a coragem no cumprimento das missões;

Estes breves excertos rememoram a fulgurante vida militar do cidadão-soldado, cavalariano excepcional, um exemplo a ser seguido, que ao se inativar disse:

“É preciso desobstruir o caminho, amigo Dilermando; saiam os velhos imprestáveis, venham os moços aptos, pois é destes que o exército precisa, é destes que a Nação.”

Porto Alegre/RS, 31 de outubro de 2017.



### QUEM FOI CÂNDIDO DA FONSECA GALVÃO?



Cândido da Fonseca Galvão, também conhecido como Dom Obá II d'África (Lençóis, 1845 — 1890) foi um fidalgo e militar brasileiro.

Filho de africanos forros, seu pai, Bemvindo da Fonseca Galvão, era filho do Obá (Rei) Abiodun, governante do Império de Oyo. Cândido intitulava-se “Príncipe Dom Obá II”, referindo-se a seu pai como “Príncipe Dom Obá I”.

No Império, assim como na Colônia, o serviço militar não era obrigatório. Porém com a Guerra do Paraguai, é criado a partir de 1865 o sistema de recrutamento.

Dias antes do decreto que criaria o corpo dos "Voluntários da Pátria", Dom Obá, movido por um sentimento patriota, voluntariamente alistou-se para defender a Coroa. Devido à grande bravura que demonstrou, foi elevado a oficial do Exército Imperial.

Depois da Guerra, fixou-se no Rio de Janeiro, tornando-se uma figura muito conhecida da sociedade carioca, onde chegou a ser amigo pessoal do Imperador Dom Pedro II. Entre os negros e mulatos da capital imperial, era reverenciado especialmente como neto do Obá Abiodun.

Dom Obá tinha o hábito de anualmente realizar uma visita oficial ao Paço Imperial, onde era recebido com honras da realeza pela Coroa de nossa Pátria. Defensor da monarquia brasileira, atuou

junto de grandes nomes como Joaquim Nabuco, André Rebouças e a própria Princesa Dona Isabel na campanha abolicionista e no combate ao racismo.

O Príncipe africano andava com farda de gala, cartola elegante, luvas brancas e chapéu de alferes, em um período em que poucos negros andavam calçados. Neste contexto, era considerado referência para os escravizados que buscavam liberdade.

Com a queda do Império, em 1889, foi perseguido pelos republicanos, que cassaram seu posto de alferes. Morreu logo depois, em julho de 1890.

## ATIVIDADES DA AHIMTB/RS

Em 17 de novembro a AHIMTB/RS participou da Sesmaria Cultural em Dom Pedrito com a palestra “A FEB na II Guerra Mundial” proferida pelo Editor e Presidente. Imagens abaixo.

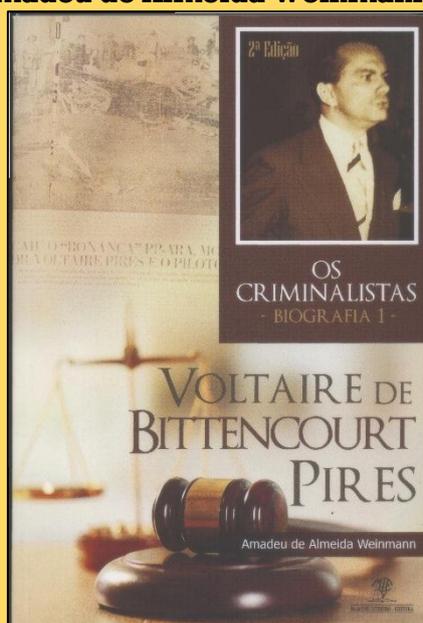


Ao final da palestra, com os organizadores do evento.

## Lançamento de livros na Feira do Livro de Porto Alegre



**Livro do Acadêmico Dr. Amadeu de Almeida Weinmann – imagem da capa abaixo.**

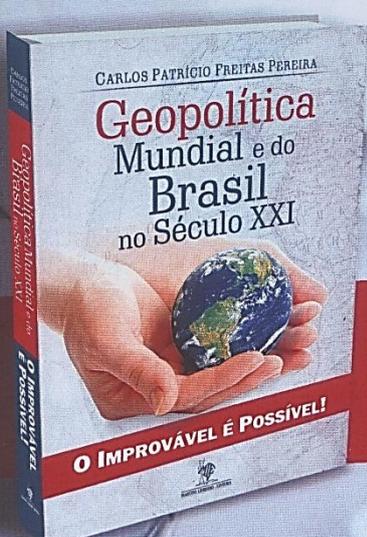


## Livro do Acadêmico General de Divisão Carlos Patrício Freitas Pereira



Da esquerda para a direita, Gen Santos, Gen Freitas, Cel Caminha e ST Saldanha

Imagem do convite e da capa abaixo



# Convite

O autor tem a honra de convidar  
V. Exa. / V. Sa. para o lançamento da obra

**Geopolítica Mundial e do  
Brasil no Século XXI**  
Carlos Patrício Freitas Pereira

**08 NOV**  
**2017**  
quarta-feira

**18h30**  
Praça de  
Autógrafos






**Momento de confraternização na Feira do Livro. À esquerda, da frente para o fundo, Cel Rossi Machado, Cel Ernani Medaglia Muniz Tavares (Inf 49), Cel Estigarribia e sua esposa, dona Ione. À direita, Cel Caminha, Dr. Cabeda, ST Saldanha e Cel Sparta.**

### **Livro do tradicionalista Fraga Cirne: Tradicionalismo Gaúcho Organizado**



## Encontro Internacional de História em Montevideo

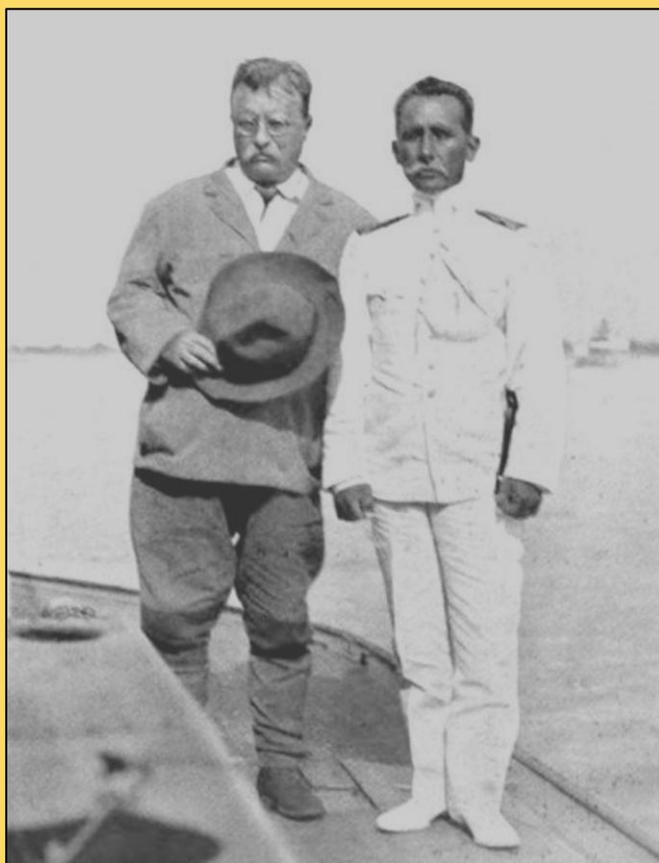
Entre 22 e 24 de novembro foi realizado o encontro acima titulado, do qual participou o Acadêmico Cel Art EM Mário Luiz Rossi Machado. As imagens serão divulgadas oportunamente.

## II Encontro de História Militar do Museu Militar do Comando Militar do Sul.

Entre 28 e 30 de novembro será realizado o II EHMMMCMS. A AHIMTB/RS estará participando do evento. As imagens e demais informações serão divulgadas oportunamente.



Livro do Cel Eng Hiram Reis e Silva, Acadêmico da AHIMTB/RS  
Expedição Centenária Roosevelt-Rondon Parte I, que será oportunamente lançado, já existindo em e-book. Capa abaixo.



**Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Inf EM Pres. AHIMTB/RS**  
([lecaminha@gmail.com](mailto:lecaminha@gmail.com)) – Sites: [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br), [www.acadhistoria.com.br](http://www.acadhistoria.com.br),  
[www.nee.cms.eb.mil.br](http://www.nee.cms.eb.mil.br), [www.nucleo.com](http://www.nucleo.com); Blog da Delegacia da AHIMTB/RS em Cruz  
Alta: <http://acadhistoriacruzalta.blogspot.com.br/>

